

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

Reflexões sôbre Arte, Universidade e Cultura

1. MUITO SE TÊM DESATENDIDO os órgãos universitários brasileiros com relação ao ensino da Arte, em seus cursos especializados, por, na maioria das vêzes, parecerem a êsses mesmos órgãos supérfluos ou mesmo inúteis, excessivos requintes, os estudos sôbre Arte.

Em estrutura social como a nossa, em que uma série de contradições de ordem imediata se afigura como de premente resolução, tais estudos tendem a ser vistos como de preocupação longínqua ou mediata, sem que aos mesmos se dispensem maiores cuidados, ou seriedade, ou ainda importância, em uma perspectiva de superficialidade e ligeireza.

A Arte, em sua concepção como "flor da cultura", prejudica em muito adoção de critérios mais válidos de concretização, em nosso meio, do ensino da Arte, no esquema universitário. Tem-se dela, em geral, a opinião de que pode ser posta de lado e esperar a estruturação mais firme e mais compacta de um corpo social, ainda disseminado e sem orientação. (Segue esta trilha, por exemplo, o pensamento do admirável arquiteto e urbanista que é Lúcio Costa quando, em conferência sôbre Arte e Educação, realizada na Escolinha de Arte do Brasil, afirmava em determinado trecho:

Dáí decorre que as soluções transitórias a que poderão conduzir vossos debates serão meros paliativos em face das soluções definitivas que o problema comporta. Mas, não obstante, elas podem ser, ainda assim, muito importantes, visto que podereis desde já delimitar o terreno de definir os valores essenciais em jôgo, a fim de assegurar bases que sirvam para solução efetiva do problema quando a normalidade fecunda tiver definitivamente suplantado a desorientação em que estamos).

Enfim os arremedos de estudos sôbre Arte parecem satisfatórios para o momento cultural em que estamos radicados, que vivemos, que suportamos.

2. É contra esta orientação (se o fôr tanto) que pretendemos delinear alguns preceitos, na sua maioria óbvios, mas que têm a validade de poder servir de apôio para uma compreensão mais exata e mais concreta também da função da Arte em uma sociedade como a brasileira, buscando a identificação consigo mesma. Delineamento que é, além de tudo, uma procura do autor, exigindo para o seu pensamento um sistema de correção e de lucidez críticas.

3. Enquanto não fôr possível ter da Arte uma visão, não facilmente formalística ou conteudística, mas cultural, e, por isso mesmo essencialmente humana, também impossível será uma sua especificação como elemento, ou dado, ou "etymon" integrador da Cultura. "Etymon" de sugestão humana: isto é denominador ou raiz que integra os elementos de uma atividade humana total e complexa.

4. A obra de arte, quer-me parecer, é sempre uma resposta a uma excitação e, por isso, incapaz de ser apreendida em tôda a sua realidade sem que os elementos excitadores sejam claramente percebidos ou visualizados. De tais elementos, pode-se dizer, preliminarmente, que suportam uma classificação em individuais e sociais, sem que se pretenda uma bifurcação mutiladora, como já veremos.

Os elementos de ordem, por assim dizer,

individual, são aquêles que se estruturam em esquema psico-fisiológico. São elementos germinados no mundo fechado, interior, escuro, da personalidade, enquanto vista sob o ângulo de uma formação orgânica. Vistos nos estreitos limites de um corpo fechado, delimitado por razões especificamente psíquicas ou fisiológicas. Mas esta visão que se diz psicológica ou fisiológica do homem, não pode fornecer tôda a transformação supra-individual, ou tôda a perspectiva da humanidade, que pressiona e modifica os comportamentos entre dois corpos individuais, como excitadores e reatores dêsses mesmos elementos individuais que transparecem em uma ordem comunal. Não importam tais elementos, para uma ordem de cultura, a não ser que considerados como manifestações de uma organização coletiva que imprime as suas influências sôbre categorias, aparentemente isoladas, ou suspensas no ar, sem fixação na realidade cotidiana.

Assim é que, dados individuais ou individualizadores, como temperamento, sensibilidade, inteligência, base de estrutura sexual, só podem interessar a uma compreensão da Arte desde que assumam a feição de um retorquir, em forma estética, a uma preocupação de pressionamento que tais elementos imprimem ao ser criador, ao artista. Mas, evidentemente, tal pressionamento só pode ser verificado desde que êle é inserto em uma ordem social, comunitária, ressaltando, então, como elementos individualizador ou característico.

Estes elementos de ordem psico-fisiológica, portanto, sômente ganham uma dimensão capaz de interessar ao estudo da Arte, desde que venham a ser compreendidos como atuantes dentro de uma escala de âmbito não apenas individual e cerrada, mas globalizadora, em que sejam possíveis as suas vinculações de tipo agora cultural. Por isso, não convence o recuo, através de uma imaginosa e romântica interpretação da Arte e, por conseguinte, de seu estudo ou ensino, diante de tôda a possível complexidade humana que ela pode sugerir. Não se quer com isto, evidentemente afirmar a positividade necessária de uma resposta que à sua cultura dê o artista. O que se quer deixar bem claro é que sempre há de se tratar de uma resposta, seja ela negativa ou positiva,

de aceitação ou rejeição. Resposta esta, então, que exige tôda a participação do conjunto psico-fisiológico. É bem de ver, portanto, que a bifurcação que inicialmente estabelecemos, didaticamente, agora se fende, tem que admitir um brechamento indispensável à sua própria verdade.

Para a visão da Arte, pois, tais elementos que classificamos como individuais e sociais não podem, sob o ângulo de cultura, suportar a visualização bifurcadora, a dicotomia, desde que viriam a negar, vistos assim, a textura da Arte, realizada no seio de uma série de contradições em que se esbatem e se tentam harmonizar ditos elementos.

Daí a afirmação que se faz da Arte como sistema integrador da cultura. (Aqui usamos a palavra sistema na mesma acepção em que foi usada por Antônio Cândido, em sua *Formação da Literatura Brasileira*, vl. 1.º, pp. 18-19, isto é:

Se desejamos focalizar os momentos em que se discerne a formação de um sistema, é preferível nos limitarmos aos seus artifícios imediatos, mais os que se vão enquadrando como herdeiros nas suas diretrizes, ou simplesmente no seu exemplo. Trata-se, então, de averiguar quando e como se definiu uma continuidade de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária).

E já se diz bastante: porque quando se diz sistema e, ainda mais, integrador, se quer acentuar a peculiaridade da Arte como atividade humana, do homem em uma situação, capaz de mais intensa e concretamente indicar os traços culturais mais denunciadores.

A História da Cultura não pode prescindir de tal estudo ou visão, estudo de Arte e de suas explorações, enquanto pretenda uma ampla explicação de motivos ou argumentos humanos que a estruturam.

Não é que se superestime sentimentalmente a Arte: é que, sendo ela um processo contínuo de intensificação da natureza, exigindo de seu praticante uma absoluta inserção na condição humana mais radical, naquilo que há no homem de mais verdadeiro como ser que atua e se deixa contaminar por uma série de aproximações dentro da sociedade, necessariamente carrega consigo tôda a gama de peculiaridades capaz de apontar o essencial da Cultura. (Assim, por exemplo, Antônio José Saraiva, em sua *História da Cultura em Portugal*, vl. 1.º, p. 11, obser-

vava acerca do valor para a História da Cultura de uma das artes, a literária:

...a literatura, que procura os seus temas e símbolos na realidade ambiente, que se alimenta dos sucessos do dia a dia, oferece uma grande variedade de aspectos e uma curva muito sinuosa e flutuante. É ela a principal documentação do historiador da cultura).

Sabemos, por exemplo, que não só as ciências ditas históricas, como a Diplomática ou a Paleografia, podem transmitir ou fundamentar a narração histórica. A Arte deve atuar como elemento possível para enriquecer o conhecimento da Cultura, na medida em que sugere todo o desenvolver não apenas horizontal ou direto, mas o caráter oblíquo de que também se reveste todo o fazer humano. Obliquidade que lhe é essencial e sem a qual a narrativa histórica se desfaz em uma sucessão de fatos ou feitos cronologicamente arrumados mas sem a perspectiva interpretativa que a deve informar. Já se tem mostrado suficientemente, para que se repita mais uma vez, como seria impossível o levantamento integral de qualquer Civilização sem o conhecimento, não simples paralelo, mas fundamental, da Arte que essa Civilização foi capaz de forjar. Mas é preciso também se dizer que este conhecimento não se pode limitar apenas em ver ou apreciar os monumentos artísticos transmitidos, mas que exige para sua afirmação uma como que faculdade em dar a estes mesmos monumentos a sua situação mais precisa quanto possível em relação aos outros instrumentos culturais registrados pelos estudos de Antropologia também física. Um professor dos Estados Unidos já observava o grande perigo que correm os cursos de História da Arte em seu país, tendencialmente mais História do slide do que da Arte. O fazer ver não é suficiente: há necessidade de fazer ver em sintonia com toda a cultura que abriga ou abrigou o objeto, ou obra de arte, que se vê. Daí, por exemplo, já há muitos anos André Malraux vir falando de um "museu imaginário", capaz de uma catalogação instantânea da obra de arte, pictórica e, por aí, a percepção de toda a sua dimensão cultural.

Porque o artista não se engana a si mesmo na medida em que transmite a outrem a sua verdade. Ele a faz mais forte, entregando-se ao contemplador, ao leitor, ao

ouvinte. Na realidade, a sua verdade é de uma ordem diversa da verdade ética, mas jamais é somente sua: é também a visão de de uma ordem comunitária em que se acha situado. Dêste modo, mais se individualiza o criador quanto mais intensifica esta visão.

Tome-se, por exemplo, do artista que foi o também historiador Fernão Lopes. A sua narração, em crônica, dos acontecimentos portugueses de seu tempo, o da Revolução de 1383, a época de D. João I por ele fixada, por preservar os elementos de arte literária que lhe eram indispensáveis na configuração de um momento histórico, tal como a incorporação da herança medieval portuguesa através da oralidade narrativa, de tal modo conduziu a uma intensificação dessa época, desse mesmo monarca, que o seu impressionismo descritivo conduz o leitor de hoje para o núcleo do que de essencial havia na movimentação das massas cidadinas europeias, ignorada ou desprezada por um Froissart, por exemplo, na sua maneira rígida de ser historiador. Fernão Lopes, desde que participava como artista e historiador de um tempo, registrava não apenas a dimensão horizontal dêste tempo, mas a sua obliquidade e, por aí, toda a sua verticalidade.

O que queremos acentuar com esta exemplificação é que, como já foi por demais acentuado, seria impossível uma completa compreensão da época de D. João I sem a obra de Lopes, como desta obra histórica se teria uma pálida idéia se se a reduzisse ao que há nela de apenas histórico ou documental. Aqui, a História se distende, se prolonga e se intensifica através da Arte. Como, então, efetuar o ensino da Literatura Portuguesa e, em especial, de Fernão Lopes, sem que se lhe dê toda a dimensão de cultura que ele suporta?

É que, e não é supérfluo repetir, os nossos cursos de Literatura têm sido excessivamente prejudicados pela visão unilateralmente biográfica ou apologética, quando o que se exige é uma figura crítica, um afinar o pensamento e a sensibilidade para os problemas humanos que as obras de arte literária suscitam. Como também os cursos de História da Arte costumam ficar reduzidos a uma série de considerações estáticas (quando muito, anedôticamente descritivas) coladas às reproduções que se projetam diante de alunos não

suficientemente preparados para compreenderem as sutilezas de transformações de estilos, de orientações estéticas, de técnicas, etc. São, muito comumente, cursos sem uma visão cultural capaz de responder às perguntas mais essenciais que as obras de arte põem diante do observador. E, por isso, em geral, cursos que apenas fazem *acrescentar* um conhecimento sem um *aprofundar* maior, sem uma razão para que se justifique o esforço do professor ou do aluno embebidos na catalogação de nomes, datas, acontecimentos desconexos, desligados de ambientes e circunstâncias.

5. Por outro lado, a função que deve desempenhar a Universidade no que se refere ao ensino da Arte, nós a vemos intimamente relacionada com o próprio papel a ser desempenhado pela Universidade dentro de uma determinada cultura.

Em primeiro lugar, a Universidade tem que desenvolver naquele que dela participa a ambição pelo conhecimento concreto de uma realidade que enfrenta certo momento cultural. Não é possível continuar pensando na Universidade como elemento apenas decorativo. Como instituição que apenas dignifica um Estado. Ela tem a sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento que se efetue ou, mais importante ainda, que deixe de se efetuar. De elemento apenas decorativo, ela tem que passar a elemento impulsionador de novas descobertas acerca de uma realidade que se vive. A sua estrutura deve permitir um equacionamento preciso e exato de todas as variações que a sociedade, em que se acha inserta, possa registrar. E dissemos conhecimento concreto por nos parecer que é insuficiente e mesmo pernicioso o conhecimento apenas teórico ou ideal desta mesma realidade.

Não posso entender, por isso, a orientação excessivamente "ilustrada" de nossos cursos de Arte que consomem a maior parte de seus programas em digressões prático-teóricas sobre Arte da Mesopotâmia, do Egito ou de Roma, depois de defeituosas bases estéticas, sem que igual porção caiba ao estudo da Arte Portuguesa ou da Arte Espanhola como fundamentação para pesquisas sobre a Arte Brasileira, ainda tão pouco estudada e conhecida. Parece que esperamos do estudioso estrangeiro, trazido para

estas paragens pelo exotismo da selva americana, que nos dê as armas com as quais enfrentaremos a difícil tarefa de nos conhecermos a nós mesmos.

Em segundo lugar, a Universidade deve existir como órgão transmissor de conhecimentos, fornecendo técnicas adequadas à participação de um número cada vez maior de indivíduos naquilo que a experiência tem acumulado. Não apenas com uma finalidade extensiva: sobretudo intensiva, na aquisição destes conhecimentos. E isto quer significar a possibilidade de um espírito que se faça crítico na meditação dos conhecimentos transmitidos.

6. A Cultura no Brasil, como qualquer outra, não poderá prescindir, para a sua organização, de uma visão da Universidade desta ordem. Nem da Arte, porquanto, na medida em que conhecermos melhor os nossos pintores, os nossos arquitetos, os nossos escultores, os nossos músicos, os nossos escritores, melhor conheceremos os fundamentos de nossa Cultura. E, na medida em que os conhecermos melhor, mais capazes seremos de encontrar respostas adequadas para os nossos problemas atuais. Porque, se nos perguntarmos seriamente o que sejam Arte, Universidade e Cultura, veremos que as respostas somente serão possíveis em uma visão situada de nossa experiência histórica com relação a estes termos. Desde que a Universidade responde aos outros dois termos, ela se faz propulsora de uma visão real e concreta de nossa situação. Ao mesmo tempo que ela também perfaz o circuito histórico e se atualiza. E, então, é possível falar do conhecimento de uma Cultura no Brasil. E, então mesmo, é possível falar de um pensamento sobre Cultura Brasileira.

7. Vemos, deste modo, que os três termos — Arte, Universidade e Cultura — são parágrafos de um mesmo sistema histórico, sem os quais não será possível a referência à realidade material e espiritual do País. E não será possível porque somente o afinamento crítico é capaz de possibilitar uma percepção adequada e justa das carências fundamentais de que êle padece.

8. Não só os cursos de Economia podem auxiliar o homem brasileiro na tarefa de elucidação das contradições que agitam a nossa sociedade: a abertura para os problemas que

constituem a atividade artística do homem encaminhará o pensamento para uma visualização globalizadora, total, sintética, desta sociedade no que ela realiza de fundamental. Infelizmente, o espírito de análise (aparentemente crítico, na realidade destruidor e acomodado) tem sido dominante nas reflexões acerca da Cultura no Brasil. A síntese exige ainda correção crítica e uma sobriedade espiritual da qual ainda continuamos, em geral, afastados. Porque não é suficiente a constatação de nossas misérias e carências: essencial é que se reflita sobre a suas origens mais verdadeiras, com a imparcialidade que somente a atividade crítica pode proporcionar.

9. A Arte — dispendo o espírito para uma situação de rigor diante das explorações que propõe a Cultura — não apenas acrescenta, mas intensifica a capacidade huma-

na de inserção nos problemas comunitários. Chamando a si todo o potencial do espírito humano capaz de explicar e julgar, a Arte atrai para si o que possa o homem ter de consciente na apuração de seus sentidos, de suas emoções, elevadas ao plano superior da inteligência e da razão.

10. Parece-nos, assim, que a Universidade, erguida em momento da Cultura Brasileira no qual é a sua própria existência e necessidade que se põe em jogo, tem que existir como eixo irradiador de uma linha essencial: o ser capaz de se dobrar sobre si mesma, na reflexão crítica e racional da estrutura social em que se estabelece.

Para uma melhor afirmação de sua essencialidade dentro de nossa Cultura, a sua finalidade específica deve ficar sendo o apuramento do sentido crítico capaz de espelhar uma esquema mental renovador.

RÉSUMÉ

Le réveil de l'Université brésilienne, qui cherche à s'intégrer effectivement à la société qui l'entoure, n'a pas encore touché l'enseignement artistique: la faute en est à la conception actuelle de l'art. Si on le considère, en effet, comme une fleur de serre, une activité raffinée et étrangère aux problèmes concrets de la société, on ne peut logiquement se préoccuper de son enseignement qu'après avoir réglé les problèmes sociaux et économiques plus graves. C'est contre cette conception donc qu'il faut dès l'abord lutter, en montrant l'insertion culturelle de l'activité artistique, son contenu concret, afin qu'apparaisse la nécessité de formuler sur les bases nouvelles l'orientation de cet enseignement.

Dans cette perspective, l'auteur montre l'art comme un système d'intégration de la culture. C'est affirmer qu'une insertion totale dans la condition humaine la plus authentique est vécue dans la création artistique, est réalisée dans les oeuvres créées. Il n'y a pas de culture sans son expression artistique.

Dépouillé de cette perspective culturelle,

notre enseignement de littérature et d'art est condamné à une vision uniquement biographique ou apologétique, à des considérations statiques et anecdotiques.

Il appartient donc à l'Université brésilienne, au moment où elle se penche sur elle-même et analyse ces propres insuffisances, de favoriser une perspective plus profondément culturelle de l'art et de la littérature. En ce moment où l'Université elle aussi change, il faut que l'on sache que ce ne sont pas seulement les cours d'Économie qui peuvent aider l'homme brésilien à élucider les contradictions qui agitent notre société. La compréhension en profondeur du sens de l'oeuvre l'art, de son degré de pénétration dans la réalité humaine, permettra de monter comment s'y révèle une vision totale, synthétique de la société où elle s'est créée. Cette compréhension donc, niant que l'art soit une fleur de serre, le montre comme moyen de pénétrer et interpréter la réalité, de donner en dernière analyse la meilleure connaissance de ses valeurs, de ses défaillances, de ses désirs et de ses besoins.

ABSTRACT

Brazilian University drive towards a true integration into its community life has not reached yet the Art courses. That results from the prevailing conception of art, which is looked upon as an activity both highly refined and alien to particular community problems. Art curricula should thus follow as a consequence of the solution to more urgent socio-economic issues. Against this notion, then, we must take position in order to make evident the need for a reformulation of those curricula.

According to this prospect, the author considers Art as an integrating cultural system. That amounts to saying that through it an absolute insertion in human condition may very well be accomplished. Culture, without its corresponding Art expression, would become deformed.

Lacking a culturologic view, our Literature and Art courses have been marred by either a biographic or apologetic oneness as well as by static and anecdotic considerations.

It would then fit in the picture the turning of the Brazilian university onto itself while

taking into account its shortcomings in an effort to further our Art and Literature courses and not only those related to economic fields. A deeper insight into the meaning of a work of art will disclose how it is inserted

into a global, integrated, and synthetic visualization of our society. Art will thus be a mean of penetrating and interpreting reality providing, in a nutshell, the best understanding of its values, lacks, demands, and needs.